

O insubmisso

LITERATURA E FILOSOFIA

A virada do século XIX para o século XX trouxe pesadas transformações sociais, culturais e tantas outras. Impérios políticos foram desfeitos. O mundo, mais do que nunca, clamava por novos ares, por sistemas de poder menos sufocantes. Há um clima no ar que exige um maior grau de liberdade em todos os graus. Como já observaram diversos pensadores, a liberdade é uma relação, não mensurável, entre governo e governados. Pois bem: nunca houve tantos casos de colonizados buscando se libertar de seus colonizadores ou dos grandes ditadores, imperadores.

Nessa perspectiva, como facilmente se pode depreender, a Literatura e as artes em geral fervem clamando por novas formas de sentir, de existir e, acima de qualquer coisa: por novas possibilidades.

Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena traz uma série de ensaios, bastante atuais, a respeito do tema. Escritores, jornalistas, professores (nacionais e internacionais) contribuíram para um livro que pretende dar um enfoque múltiplo para as questões propostas pelo movimento antropofágico, enfocando, especialmente, Oswald de Andrade.

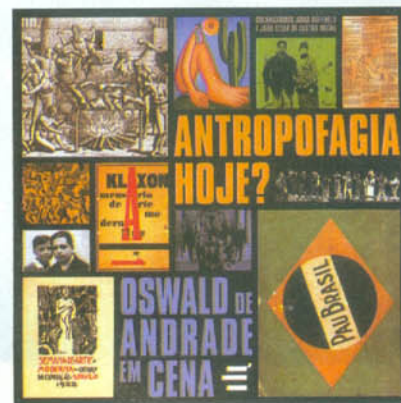
Nas palavras de nosso inesquecível Benedito Nunes, em seu ensaio neste livro: “a antropofagia, que transportou para o campo das ideias políticas e sociais o espírito de insurreição artística e literária do modernismo, teve um estilo de ação – a agressividade verbal sistematizada, que revela as descomposturas, os ataques pessoais, as frases-choque, os provérbios e fábulas, publicados nos quinze números da Revista de Antropofagia (2ª. fase), então

sob o controle exclusivo do grupo que Oswald de Andrade liderava. Afetando o desprezo dadaísta pela Literatura, mas usando a Literatura como instrumento de rebelião individual, à maneira dos surrealistas, os nossos antropófagos foram críticos da sociedade, da cultura e da história brasileiras.”

A importância de Oswald de Andrade para a Cultura e Literatura nacional, universal, é um fato inquestionável. O livro em questão recupera, numa era de desmemórias, memórias, em diversos níveis, de um dos maiores escritores brasileiros, muito mais por suas imposturas e insubmissão ao sistema, como um todo, do que qualquer outra coisa. Na verdade, o início do século XX possibilitava a afirmação de uma identidade. Foi a era das diversas independências, não somente a brasileira.

O que é lamentável, no caso de Oswald de Andrade, foi o pouco reconhecimento de sua obra, assim como de suas frequentes insubmissões. Mais lamentável ainda foi o seu fim. Praticamente sozinho, sem amigos que outrora o perseguiam nos famosos jantares. “Você me parecia, naqueles últimos dias [da vida do escritor], um velhinho combalido, com pouco fôlego, muito irritável, o dia todo de pijamas sentado na mesma poltrona, depondo as armas contra a doença.”, nas palavras tristes de Marília de Andrade, filha de Oswald, uma das integrantes dos ensaios desta obra.

A grande verdade: Oswald de Andrade, em seus últimos anos, viveu intensamente apertados econômicos e dissabores de todas as ordens. Triste fim para um homem que somente depois de muitos anos após sua mor-



Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena

Autores: Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha

Editora: Editora Ê Realizações
688 págs.

te foi reconhecido. Tudo isso reforça, mais do que nunca, o quanto a academia e a imbecilidade reinam, em todas as esferas. Costuma-se afirmar que no Brasil é preciso morrer para ser reconhecido. Ledo engano. A história prova que em todos os tempos os mais lúcidos e transgressores foram exilados de seu tempo, de seu meio, de seus direitos e morreram na mais completa solidão, especialmente, intelectual. Peirce, Jean-Marie Guyau, Nietzsche, Gregório de Matos, Espinosa, hoje, sorriem, ironicamente, ao embalo dos lamentos que clamam por liberdade. Aquela produzida e fabricada pelo liberalismo, contudo, imediatamente esvaziada pela cronologia implacável dos relógios. Assistimos, estarrecidos, quase impotentes, a um crescente esvaziamento das temporalidades. A humanidade foi avisada...contudo, o descaso total de outrora, agora, pune a contemporaneidade. (A.M.H.B.)